

Malária pode ficar restrita à Amazônia

Em 1954, estimava-se em 8 milhões o número de casos de malária no país, numa incidência de 300 casos por mil habitantes. No ano passado, registraram-se 87 mil casos da doença, caindo a incidência para 1,7 casos por mil habitantes. Também o índice de positividade nos exames de lâmina feitos pela Sucam tem declinado: em 1960, 16% das amostras de todo o País eram positivas e, na Amazônia, a positividade atingia 30%; no ano passado esses números baixaram para 3,4% e 10,6%, respectivamente.

Ao apresentar esses dados na Conferência Nacional de Saúde, o superintendente das Campanhas de Saúde Pública do Ministério da Saúde, Ernani Motta, previu que até 1980 os trabalhos permitirão a erradicação da doença numa área onde vivem cerca de 39 milhões de pessoas restando apenas a Amazônia como área malárica no Brasil. Mesmo assim, disse que em 1980 somente 5,8 milhões de moradores da Amazônia estarão sob perigo de transmissão da doença.

Segundo Ernani Motta, a Amazônia continua sendo o principal reduto da malária no Brasil, contribuindo com 80% dos casos. Destacou o papel dos Territórios do Amapá e Rondônia nessa estatística, que apresentaram crescimento demográfico de, respectivamente, 59,3% e 51,20% em cinco anos. Essa mobilidade da população dificultou os trabalhos de combate à doença e praticamente metade dos casos de malária de 1976 registraram-se nos territórios federais.

Depois de relacionar a esquistossomose, a malária e o mal de Chagas como as três grandes endemias do País, o superintendente da Sucam destacou que o Programa Especial de Controle

da Esquistossomose vem recebendo prioridade absoluta do Ministério da Saúde e se encontra em plena expansão. Nos seis Estados do Nordeste em que foi iniciado o trabalho de campo, já foram admitidos e treinados, este ano, 385 servidores, entre laboratoristas e guardas sanitários, ainda insuficientes pois a previsão do programa é empregar 573 servidores em 77.

Ernani Motta informou estar realizando um inquérito nacional entre estudantes de 1º grau para determinar a prevalência da esquistossomose. Serão pesquisados 359 municípios, dos quais 105 já foram ou estão sendo trabalhados. O inquérito foi concluído em Sergipe e registrou prevalência de 31,6% na doença entre os escolares. No Espírito Santo, o índice obtido foi de 2,6%.

Ao se referir à doença de Chagas, o superintendente da Sucam explicou que a real extensão da doença, as áreas envolvidas e o índice de prevalência só serão conhecidos em 1978, quando encerra o inquérito iniciado em 75. "Não se dispõe de informações concretas nem representativas da frequência das formas mais graves da doença e da sua mortalidade, através das áreas por que se distribui", afirmou Ernani Motta, citando exemplos "que sugerem situações de muita gravidade", como Ribeirão Preto, onde a mortalidade por Chagas apresentou índices de até 234 por cem mil.

Ele explicou que simultaneamente à delimitação da área chagásica, vem sendo feito o combate aos mosquitos transmissores da doença e vigilância para impedir que voltem a infestar residências e construções rurais das quais tenham sido expulsos.